

## **O Olhar Híbrido do Correspondente Euclides da Cunha: Figurações do Repórter, do Viajante, do Militar e Republicano, e do Discurso Trágico**

Arlindo Rebechi Junior (UNESP)

### RESUMO

Esta comunicação reconstitui a trajetória de Euclides da Cunha (1866-1909) enquanto correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo* na guerra de Canudos (1896-7), a partir de seus textos publicados no periódico. Estudou-se a poética euclidiana em conexão com um texto elaborado para um periódico, destacando o modo como o correspondente elaborou um olhar do jornalista, do cientista, do republicano e militar e ainda um olhar trágico.

### NOTA DE UM PERCURSO

Há inúmeras dificuldades em se trabalhar com a obra de um autor como Euclides da Cunha. Primeiramente, permeia sobre o seu livro maior, *Os Sertões* (1902), uma certa aura, em que qualquer empreendimento analítico-interpretativo corre o risco de ser vão diante da complexidade e do mito surgido desde o seu lançamento. Pouco tempo após a publicação de sua obra-prima em 1902, nossa trindade crítica da virada do século XIX para o século XX, representada por Sílvio Romero, Araripe Jr. e José Veríssimo, alçou Euclides da Cunha no rol dos nossos grandes escritores nacionais. Além disso, outro ponto de dificuldade de pesquisa deve-se em grande parte no domínio de sua fortuna crítica, tão extensa como a machadiana. Em certa medida, pela sua obra não só ser estudada no âmbito dos estudos literários, mas tramitar em outras áreas do conhecimento. Ressalta-se que Euclides da Cunha foi parada obrigatória para a maior parte dos nossos mais importantes críticos do século XX.

Neste trabalho, desenvolvido como mestrado em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo, reconstitui-se a trajetória de Euclides da Cunha (1866-1909) enquanto correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo* na Guerra de Canudos (1896-7), a partir de seus textos publicados no periódico. Nossa análise, com base nestes textos, décadas mais tarde conhecidos como *Diário de uma expedição*, visou

estudar os aspectos da poética euclidiana em conexão com um texto elaborado para um periódico, destacando o modo como o correspondente elaborou nestes seus textos um olhar híbrido.

Em 1897, na ocasião da guerra, muitos jornais enviaram seus correspondentes e Euclides foi o representante do periódico paulista. Como afirmou Walnice, em seu livro *No calor da hora* (1974), estabeleceu-se, no Brasil durante o conflito de Canudos, a praxe jornalística dos enviados especiais aos locais dos acontecimentos. Dentre todos aqueles que lá estiveram, Euclides, certamente, foi o que melhor aproveitou posteriormente o testemunho lá recolhido. Seus textos enviados para o jornal foram a garantia do início de um percurso para um trabalho de fôlego que se iniciaria logo em seguida, mas não só isto, é a marca de um escritor que já se desponta no cenário intelectual e literário brasileiro. Fato que não ocorreu com os demais correspondentes. E é neste percurso que neste momento nos deteremos.

#### FORMAÇÃO DO JORNALISTA EUCLIDES DA CUNHA

O contato com jornais e o jornalismo foi muito precoce na vida de Euclides da Cunha. Diante das opções que lhe apresentavam, inclusive a carreira militar, o então jovem cadete da Escola Militar confidenciou a um de seus colegas, Moreira Guimarães, que se sentia destinado ao jornalismo, seria este um meio mais adequado para a defesa de suas idéias e de seus ideais.

Mas o acontecimento de maior projeção na vida de Euclides em sua relação com a imprensa deu-se quando chegou à redação de *O Estado de S. Paulo*, então *A Província de São Paulo*. Sua chegada foi um tanto conturbada, pois procedeu a um polêmico acontecimento na Escola Militar, do qual o escritor foi protagonista. Em 4 de novembro de 1888, num momento de rebeldia em claro sinal de protesto contra o regime monarquista, Euclides, ainda um cadete, saiu de forma e tentou quebrar sobre a perna o seu sabre diante de uma revista do então ministro da Guerra, Tomás Coelho, não conseguindo a quebra da arma, ele atira-a próximo aos seus pés e aos do ministro. As razões, pelas quais Euclides fizera tal protesto, deveu-se em grande parte à política de promoções do exército, que estava paralisada, embora não só por este fator. Tinham direito à subida ao posto de alferes-aluno, e conseqüentemente ao aumento dos vencimentos, aqueles que haviam tirado as melhores notas nos dois primeiros anos do curso. Euclides se enquadrava no seletor grupo na ocasião, reunindo três turmas que não

recebiam as promoções. Anos depois, Euclides relatou que o protesto era ainda parte de um plano revolucionário maior que buscava a proclamação da República<sup>1</sup>. De imediato ao acontecido, o incidente levou Euclides à expulsão da Escola Militar da Praia Vermelha e, por consequência, do exército.

O protesto ganhou uma ampla projeção na imprensa e Euclides acabou se tornando um nome conhecido, principalmente em meios republicanos emergentes. Após deixar a prisão, surge o convite de Júlio de Mesquita, um dos dirigentes na época do jornal *A Província de São Paulo* (após a proclamação da República, *O Estado de S. Paulo*) para que ele escrevesse uma coluna política com objetivos de atacar o regime monarquista. Euclides não hesitou e logo se mudou à capital paulista.

Euclides, egresso de uma Escola Militar e que dela havia saído por motivos de protesto político, vinha de encontro às motivações do jornal paulista. Para Ventura, a colaboração de Euclides era providencial aos propósitos de *A Província de S. Paulo*, já que “era um jovem idealista, cuja carreira militar fora sacrificada por convicções política. Seu desligamento do Exército era visto como sintomático da tirania da Coroa, que perseguia os cadetes e oficiais que ousassem manifestar suas idéias.” (VENTURA, 2003, p. 77-8).

Começava assim sua relação com o grupo paulista de imprensa. Mas a mudança mais significativa de suas contribuições para o periódico só viria em 1897, quando fora convidado a cobrir a guerra de Canudos.

Este convite trazia mais do que um convite profissional de um dirigente de jornal a um de seus colaboradores. Trazia em si, uma mudança que Euclides sentiria intimamente na abordagem do tipo de trabalho, mudava-se a perspectiva de sua escrita. Agora não mais escreveria matérias em linhas gerais atrás de uma mesa de escritório, a partir de consultas a livros, sendo muitas delas de cunho predominantemente filosófico. Neste novo desafio, a um jornalismo de opinião, acrescentava-se um jornalismo de informação. Quando estivesse em Canudos, Euclides deveria também relatar o que visse e investigasse, tinha o propósito de ir a campo pesquisar. A seguir acompanharemos como Euclides deu cores à tragédia canudense enquanto correspondente de *O Estado de S. Paulo* para que ao invés de somente endossar as idéias correntes, pôde ampliar a discussão pública em torno do massacre que lá existiu.

#### FIGURAÇÕES DO OLHAR HÍBRIDO DO CORRESPONDENTE

De Salvador, de cidades que passou durante o trajeto ao arraial de Conselheiro e de Canudos propriamente, ele enviou várias matérias, totalizando 31 textos. Tal como em *Os Sertões*, há nesta escrita euclidiana de periódico um consórcio entre vários discursos. Euclides imprimiu um processo híbrido de composição de seus textos. Há neles várias linguagens que se correlacionam e a formulação de diversas visões e diversos modos de narrar, amparados, sobretudo, pelas figurações do discurso jornalístico, do científico na imagem do viajante naturalista, do militar e republicano e do artístico que plasmou os demais discursos e criou contornos teatrais-trágicos para o episódio canudense.

### **Visões do jornalista**

O discurso jornalístico nestes seus textos ganha formalização na medida que se nota o escritor instituir a figura do narrador-repórter. É por ele que Euclides se impõe uma práxis jornalística de lidar com a representação do fato e com as antecipações e determinações que poderiam invalidar ou colocar em dúvida o fato relatado. É no conceito de veridicção que o escritor foca este narrador. Um texto de base jornalística tem suas raízes centradas principalmente na busca e no respectivo policiamento da idéia de veridicção, que por princípio ordena uma construção que objetiva dar a aparência do valor de verdade. A escrita que se atém a este princípio também se mostra tocada por uma estratégia que encontrará sua seara nas formas de referencialidades tão específicas do texto jornalístico.

Este processo de referencialização, tão característico ao texto jornalístico, mobiliza uma série de estratégias, as quais são seguidas por complexos fatores que se impõe. Estas estratégias de referencialidade partem sempre da existência do fato, sem a matéria circunstancial não há texto jornalístico. Com base nisso, aquele que escreve (está escrevendo) em jornal (reportagem), primeiramente, antecipa determinações que poderiam invalidar ou mesmo colocar em dúvida o fato relatado. Este mesmo comunicador constrói o fato de forma a ser reconhecido como uma real descrição “de um estado de coisas do mundo”; há, dessa maneira, a garantia do valor de verdade explícita. Manoel Corrêa, a respeito da construção semântica básica do enunciado do texto jornalístico, diz que “o comunicador é levado a considerar que seus enunciados podem ser questionados em relação ao seu valor de verdade por ocasião do ato de leitura que irá se seguir à produção do texto” (CORRÊA, 2002, p.86-7).

Ainda dentro deste seu discurso, um fenômeno, mais que os demais, precisa sua práxis de um método jornalístico (com todas as relativizações que o termo solicita para sua época). Trata-se da observação participante. Ela é inerente ao ofício do correspondente de guerra, mas que em Euclides nota-se como uma tentativa de angariar todas vozes participantes, buscando oferecer o que reconhecemos vulgarmente como “realidade objetiva”.

Se acompanharmos as anotações de sua caderneta de campo, há no correspondente um interesse no modo de ser e no modo de dizer dos canudenses, que revela uma preocupação em humanizar o relato. Em sua caderneta de campo, foram muitas as vezes que fez anotações de frases e expressões locais, anotações de cartas anônimas e outros textos sertanejos, que apenas seriam encontrados com a disposição do repórter atento ao pormenor. Euclides diz sobre estas expressões: “frases que tão de molde se casam num livro de tal natureza” (CUNHA, 1975, p.86). Olímpio de Souza Andrade comenta:

“trata-se, todavia, de expressões ouvidas aqui e ali, talvez de prisioneiros ou pessoas outras que o repórter encontrou nas suas andanças por aquelas bandas, tratando-se ainda, principalmente talvez, de anotações de leituras, de exercícios de sinonímia, coisas todas essas com as quais o escritor se habituara, nas quais até se esmerava, chegando, quando isso realmente o interessava, a anotá-las nos punhos da camisa...” (ANDRADE, 1975, p.182).

A observação participante, entendida aqui quando o observador estabelece um grau de participação dentro dos grupos observados de modo a reduzir estranhezas mútuas, certamente, foi a técnica que Euclides mais utilizou em seu método. Não se pode negar que nas matérias de Euclides há uma propensão a se falar do lado das forças republicanas, era natural dada a situação em que o correspondente vivia. Afinal ele viajava em nome das forças republicanas como adido do estado-maior. Por outro lado, Euclides não deixou esmoecer, em absoluto, esta sua visão de jornalista linha reta, observando os vários feitos dos canudenses, transformando-os em sujeitos de força e resistência. A força maior de nossa nacionalidade, como ele mesmo diria.

Euclides, quando pôs em prática a observação participante buscou marcá-la em seu texto. Vejamos, por exemplo, a segunda matéria, enviada de Salvador, no dia 10 de

agosto, ao contar a excursão que fazia em hospitais na capital baiana, ele estava sempre a procura de novas informações e com o propósito de observar a situação mais de perto:

“Percorri-os todos e em todos surpreendeu-me a ordem notável que reveste a generosidade sem par de um povo que se vai tornar credor do Brasil inteiro” (CUNHA, 2001, p.71).

Um outro exemplo vem do dia 26 de setembro, escrito em Canudos. Nele o correspondente explicita a tensão da cobertura e suas observações *in loco*. Diz ele:

“Olho neste instante, cautelosamente, por uma fresta da trincheira para a igreja... É uma cratera fulgurante. Assombra (...) Já se não distinguem os tiros - ouve-se um ressoar imenso lembrando o de muitas represas bruscamente abertas”(CUNHA, 2001, p.191).

Na matéria do dia 27 de setembro, também de Canudos, há um trecho no sentido de construir e revelar esta observação participante. É como se o repórter estivesse em uma posição que, mesmo diante do horror de mortos e feridos, não poderia deixar de informar ao seu leitor aquilo que acontecia. Uma força testemunhal que pratica a observação participante:

“9h00 da noite - Com relativa comodidade escrevo na mesa de farmácia anexa ao hospital militar. Em frente alevantam-se barracões repletos de feridos e doentes e cheios de lamentos mal abafados, de dores cruciantes. Sobre a cobertura de couro do casebre em que me acolho passam, sibilando, as balas.

Já me vou afeiçoando a esta orquestra estranha. Não há um único ponto do acampamento em que ela não se faça ouvir; um único ponto em que não caíam os projéteis constantemente arremessados pelo inimigo.” (CUNHA, 2001, p.195)

### **Visão do cientista**

A entrada de Euclides da Cunha, em 20 de novembro de 1903, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), formula uma situação bastante ilustrativa tanto da vida intelectual brasileira na virada do século XIX como da vida do escritor. De um lado, algumas instituições chegavam ao seu auge, procuravam definitivamente fazer parte do espaço de estudos científicos que ainda se construía. De outro lado, Euclides tentava adquirir espaço pelo talento e o mérito nesta mesma comunidade científica. Questões que requisitam-nos analisar alguns pontos relevantes.

A Escola Militar da Praia Vermelha nos seus cinco anos de formação fornecia um currículo baseado nos ideais científicos da época<sup>ii</sup>, que tinha sua ênfase em ciências básicas para a formação de engenheiros, deixando em segundo plano a parte militar. Como se sabe, Euclides foi aluno desta escola, entre 1886 e 1888, e expulso após ter cursado o dois primeiros anos praticamente.

A expulsão da Escola Militar da Praia Vermelha não prejudicou a formação científicista do escritor, visto que no ano seguinte, após uma pequena estadia em São Paulo colaborando no jornal *A Província de São Paulo*, Euclides prestaria as provas para o ingresso e a adaptação à Escola Politécnica. Veio a proclamação da República e com ela o escritor seria reintegrado à Escola Militar, porém agora com sua reformulação a instituição dividia-se em duas: Escola Militar, agregava os cursos de Infantaria e Cavalaria; Escola Superior de Guerra, agregava os cursos de Artilharia, de Estado-Maior e de Engenharia Militar. Euclides passou pelas duas e ao fim do último ano obteve o título de bacharel em Matemáticas, Ciências Físicas e Naturais.

As disciplinas e estudos feitos na Escola Militar foram essenciais para que o correspondente pudesse lançar mão de várias áreas do conhecimento ao fazer a cobertura de Canudos. Embora muitas dessas áreas tenham sido aprofundadas posteriormente para a escrita definitiva de *Os Sertões*, o correspondente mobilizou uma série de conhecimentos para que pudesse olhar com discernimento o que acontecia, todos eles absorvidos, em parte, pela formação da escola militar em áreas como química, geologia, botânica, geodésia, topografia, astronomia, matemáticas, entre outras. É como se aquele conhecimento fosse a base das suas andanças pela sertão baiano, ajudando-o a melhor focalizar o que via.

Mas não só esta sua primeira formação ajudou-o a formular este seu olhar de cientista. Em 1895, ao deixar a carreira militar, e entrar para a Superintendência de Obras de São Paulo, outro fato tornou-se preponderante, principalmente, no que toca aos seus conhecimentos geológicos, tão necessários à compreensão do escritor. Trata-se

do seu desejo de ingresso na Escola Politécnica de São Paulo como parte do professorado da instituição.

A Escola Politécnica de São Paulo fora idealizada e fundada, em 1893, por Antônio Francisco de Paula Sousa, um engenheiro com formação alemã, sendo a primeira instituição de ensino superior do estado de São Paulo. Em 1892, ao primeiro anúncio do projeto da criação, quando Paula Sousa o encaminhou ao Congresso Legislativo do Estado de São Paulo, Euclides escreveu dois artigos criticando a proposta, cujas premissas e o modelo suíço que se espelhavam não o agradava. Contraditoriamente, a saída de uma carreira militar, que como ele mesmo dizia: era uma “farda demasiadamente pesada”, faria com que Euclides visse na Escola Politécnica seu melhor caminho para uma atividade estável como pretendia. Os primeiros cargos de professores foram nomeados e Euclides não foi lembrado. A situação o deixara triste, tanto é que seus lamentos chegavam aos mais próximos, como pode ser notado em uma carta enviada do Rio de Janeiro ao amigo Porchat, em 22 de novembro de 1893:

“Sobre tudo isto ainda caiu, como uma pedrada, uma decepção: o meu lugar na Escola de Engenharia daí, parece que foi ocupado por outro mais apto; apesar do interesse decidido de amigos e influentes como o Mesquita e outros, apareceu entre os concorrentes cópia tal de aptidões provadas, que eu tive de ficar na penumbra.

Eu dou os meus sinceros abraços parabéns a S. Paulo.

Felizmente não me fecharam a porta, restam algumas cadeiras que se devem preencher por concurso e se não entrei agora, como cavalheiro, levado delicadamente pela mão de um amigo, hei-de lá entrar amanhã só – sem apresentações – e sentar-me numa cadeira...sem que ninguém a ofereça.” (CUNHA, 1997, p.51).<sup>iii</sup>

Suas chances seriam próximas vagas que se completariam por concurso. Em 1896, autorizava-se na Politécnica o concurso para o preenchimento de algumas vagas para professores substitutos, ao que tudo indicava era chance de Euclides conseguir um antigo desejo. Em carta ao amigo mineiro João Luís, do dia 22 de fevereiro de 1895, escrita em São Paulo, indica que Euclides, já antes da definição do concurso, preparava-se:



“Vou indo, entretanto, perfeitamente bem – e acho-me perfeitamente animado, encarando com firmeza o futuro. Creio mesmo que muito breve realizarei o meu grande sonho, a única aspiração constante que de há muito tenho: tirar, por concurso, uma cadeira na Escola de Engenharia daqui. Logo que abrirem as inscrições avisar-te-ei – e fique já certo de que não dispensarei, absolutamente não dispensarei, a tua presença no dia em que tiver de defender a tese que apresentar. Dizer-te isto é dizer-te que tenho estudado alguma coisa. Ficas assim formando perfeita idéia de uma das existências mais agitadas de nossa terra (salvo os coeficientes de redução que a minha modéstia determina que sejam antepostos a tal expressão)” (CUNHA, 1997, p.71).

A carta anterior mostra que Euclides já se preparava ao concurso, mas ainda não indicava explicitamente qual a cadeira e portanto qual área estava mais centrado seus estudos naquele ano. Em uma carta também enviada de São Paulo ao amigo João Luís, do dia 23 de abril de 1896, a questão fica mais evidente:

“Absorvido pelo estudo de Mineralogia, vivendo numa áspera sociedade de pedras, esqueci-me da minha situação do presente (...)” (CUNHA, 1997, p.93).

Só que nesta mesma carta, Euclides deixa claro, a existência da possibilidade de ele não prestar o concurso, visto que o seu ingresso poderia ser delimitado por outros critérios não medidos pelo talento e o mérito:

“Comecei, com todo o afinho a estudar para um próximo concurso (ao qual ainda não renunciei); no fim de quase um mês, porém – começou a dar-se o seguinte: o cidadão A, cheio de íntima convicção, baseado em anteriores exemplos, fatos passados com outros, afirmava-me que isto de concurso de S. Paulo não valia nada, sendo invariavelmente nomeado *persona grata* do governo, citando-se mesmo o fato recente da anulação de um concurso pelo fato de ter má colocação cidadão favorecido pelo apoio oficial. Logo após o cidadão B, confidencialmente, fazia alusão à minha

seita positivista (eu, positivista!) e à birra especial de algumas influências pelos que a professam.

O cidadão C, lembrava-me artigos meus, de 92, no *Estado*, em que combati energeticamente a maneira pela qual foi organizada a Escola etc. Um outro, comunicava-me a existência de terrível adversário, um dos primeiros geólogos do Brasil, discípulo e braço direito de Goerzeix etc. etc.

Imagina que imenso esforço para ficar a cavaleiro de tudo isto...” (CUNHA, 1997, p.93-4).

De fato, Euclides não prestou o concurso, mas nem por isso, o que havia se dedicado em estudos de aprofundamentos sobre a Geologia não seria utilizado, como o fez quando partiu para Canudos como correspondente de *O Estado de S. Paulo*. Euclides via na oportunidade de ir a Canudos como uma maneira de integrar todos estes conhecimentos obtidos a partir dos estudos de ciência da época. Contribuindo a sua viagem, ao seu olhar de viajante e cientista, integra-se a estes dois fatores anteriores (os estudos nas Escolas Militares e o aprofundamento de conhecimentos geológicos em função do concurso da Escola Politécnica) um terceiro que estaria ligado aos dois artigos de nome *Nossa Vendéia*, escrito por Euclides antes de partir como correspondente. A partir deste artigo Euclides pode aprofundar, previamente, por livros e relatórios muitos conhecimentos que os olhos lhe confirmariam, posteriormente; conseguiu aprofundar, sobretudo, com a ajuda de amigos como Teodoro Sampaio, Orville Derby e Albert Loefgren, integrantes da comunidade científica paulista<sup>iv</sup>.

Após esclarecer algumas raízes deste narrador, voltemos ao caso de suas matérias. A figura do viajante, em seus textos, é sentida na medida que o correspondente avança sertão adentro. Pode-se dizer que, em muitas passagens do *Diário de uma expedição*, há em Euclides um olhar do viajante naturalista, como os muitos estrangeiros que percorreram o nosso território durante o século XIX atrás de uma espécie nova, de uma nova informação sobre o terreno ou uma flora ainda não vista. Todas estas características eram o desejo do viajante naturalista, que ansiava antes de mais nada estar em campo e observar o que a natureza oferecia, modificando-se internamente. Roberto Ventura relata que, em *Os Sertões*, Euclides incorporou, “como narrador, a cultura escrita e dialogou com a tradição dos relatos de viagem e das expedições científicas” (1998, p.66). Diante disso, podemos dizer que este perfil narrativo tão intenso e, praticamente, absoluto em *Os Sertões*, apareceu em suas matérias de

correspondente principalmente quando lançou mão da visão do cientista que descreveu a paisagem natural que viu. Neste caso, a proximidade é bastante grande do viajante naturalista.

Ao entrar pela primeira vez no sertão baiano, seu olhar alimentado pela formação científica ficou mais evidente. Pelo trem que segue a Alagoinhas, sua primeira parada em direção a Canudos, o correspondente em matéria do dia 31 de agosto, já traça os aspectos geológicos da primeira paisagem sertaneja que se aproximava ao olhar. Dali em diante, não só analisaria a geologia, como todos os aspectos físicos da região, até onde sua formação permitia. Vejamos ainda nesta mesma matéria a flora como sendo a eleita:

“A flora é variada e muda continuamente de aspecto - esparsa e rarefeita nos tabuleiros em que se alevantam as árvores pequenas das mangabeiras de folhas delicadas e cajueiros de galhos retorcidos, salpicada pelas flores rubras e caprichosas das bromélias - ela ostenta-se, nos terrenos em que despontam as rochas primitivas, exuberante, em grandes cerrados impenetráveis, sobre os quais oscilam as copas altas dos *dendezeiros* (*Elaeis guineensis*).” (CUNHA, 2001, p.129).

Em matéria do dia 1º de setembro, enviada de Queimadas, o correspondente fica vislumbrado com a paisagem que antes apenas conhecia pelos estudos prévios, agora poderia tê-la aos olhos:

“Percorri-a, hoje, pela manhã, até certa distancia, a cavalo, e entrei pela primeira vez nas caatingas, satisfazendo uma curiosidade ardente, longamente alimentada.

Um quadro absolutamente novo; uma flora inteiramente estranha e impressionadora capaz de assombrar ao mais experimentado botânico” (CUNHA, 2001, p.134).

De certa maneira, completando a idéia de viajante anterior, Sérgio Cardoso aponta que o olhar do viajante deveria estar ligado diretamente ao olhar do próprio etnógrafo. Para ele, a experiência da viagem é sempre “empreitada no tempo”, disse então:

“O olhar, sabemos, não descansa sobre o plano amplo e espraído que define um horizonte, mas procura barreiras e limites, perscruta suas diferenças e vazios (...) Da mesma forma as viagens. Também elas – como exercícios do olhar – têm origem nas brechas do sentido. Se o viajante fura o horizonte da proximidade e transpõe os limites de seu mundo para fixar a atenção mais além – no que não se deixa ver mas apenas adivinhar ou entrever -, é sempre pelos vãos do próprio mundo que ele penetra, na medida em que surgem brechas na sua evidência, abrindo passagens na paisagem ou contornando desníveis e vazios. A viagem, então, como o olhar, vazando por esse poros, temporaliza a realidade reempregando a busca de seu sentido (...) Compreendemos, portanto, que as viagens sejam sempre experiências de estranhamento.” (CARDOSO, 1988, p.358-9).

Para Euclides a experiência, decerto, foi temporal, visto as marcas que Canudos lhe deixou. Não foi só um deslocamento espacial de um homem do litoral ao sertão, foi sim de um homem do litoral que ao se deparar com o sertão modificou-se radicalmente. *Os Sertões* talvez fosse sua maior marca de um estranhamento profundo com tudo aquilo que aconteceu e que, de certa forma, foi a viagem como correspondente a principal tributária para este processo. Quando tomamos suas matérias, notamos que este estranhamento começara no próprio sertão. Vejamos, por exemplo, na entrada do arraial, em sua primeira matéria de Canudos, quando o correspondente refreia o cavalo e observa o arraial, deixando-se penetrar no vão do mundo de Canudos e, principalmente dos que lá estavam, que lá viviam e foram massacrados. Esta sua parada com o cavalo e a longa descrição do que surgia aos olhos funcionou como uma maneira de o correspondente apontar este “estranhamento”:

“...E vingando a última encosta divisamos subitamente, adiante, o arraial imenso de Canudos.

Refreei o cavalo e olhei em torno.

É extraordinário que os que aqui têm estado e escrito ou prestado informações sobre esta campanha, nada tenham dito ainda acerca de um terreno cuja disposição topográfica e constituição geológica são simplesmente surpreendedoras.” (CUNHA, 2001, p.174).

Para a formação do olhar do cientista nas matérias do correspondente, Euclides da Cunha soma ainda a estas suas características narrativas um outro aspecto regido por um método de investigação comum em expedições geológicas e botânicas, comuns no Brasil final de século XIX. Havia em Euclides um cientista instintivo que procurou coletar o máximo de elementos possíveis para os futuros estudos. Em meio a suas matérias, sempre havia frases que indicavam esta sua preocupação: “recolhi um pouco de areia”, “consulto o meu aneróide”, “mal posso, à luz mal encoberta de um fósforo, observar a temperatura e a pressão no meu aneróide”.

### **Visão do militar e republicano**

Pensar nestas duas visões juntas, aparentemente, parece ser um equívoco. Mas, se tomarmos a biografia de Euclides e a situação em que o Brasil vivia na época, o intento guarda seu fundamento. A visão do militar e a visão do republicano foram interpenetrantes em Euclides da Cunha, tanto uma como noutra foram adquiridas num mesmo centro de irradiação, sobretudo, na Escola Militar da Praia Vermelha. Lá o escritor pôde ter contato com um professor muito marcante em sua vida, Benjamin Constant, um líder no golpe da República, e ainda lá pode ampliar sua leituras sobre a Revolução Francesa, um dos eventos históricos mais representativos na vida do escritor.

A República começara como um sonho aos jovens cadetes, no qual o próprio Euclides militou intensamente. Mas os rumos do regime foram de tal modo caóticos que Euclides reviu o que significava a República, não sendo esta mais a salvação da nação como antes previra. O momento que Euclides vai a Canudos pode ser considerado como sua transição do que acreditava ser os ideais republicanos brasileiros. É o momento mais latente desta revisão. É um olhar que transita ora em louvação numa ainda crença destes ideais republicanos, exaltando-se em um “A República é imortal!”, matéria de 7 de agosto em Salvador. Mas é também um olhar que começa a analisar com ares mais críticos o que acontecia.

Aliado a esta visão da República, integra-se uma visão fortemente marcada por uma interpretação militar. Vários eventos nos episódios de Canudos aliaram uma e outra visão. Por uma visão, que pressupunha um ponto de vista republicano, vinha a estratégia de análise do militar. Ambas as visões se ajustavam, como se uma fosse a focalização da outra e vice-versa. A própria escolha léxica faz parte do que se poderia chamar de

linguagem militar e o que esta escolha nos indica é um sintoma deste olhar republicano, como nos mostra a matéria do dia 6 de setembro, escrita em Monte Santo:

O ataque será fatalmente mortífero. Basta examinar-se uma planta do imenso arraial. Canudos está militarmente construído e uma estampa que por aí anda nada traduz, absolutamente, de sua feição característica.” (CUNHA, 2001, p.161).

Ao se deparar com a atmosfera da sangrenta guerra mais de perto, a revisão do olhar republicano começa a ficar mais evidente em muitas matérias do correspondente. Em matéria de 1º de setembro, escrita já no sertão baiano, em Queimadas, o correspondente busca uma revisão, ainda não radical como fará em *Os Sertões*, que tenta amenizar o que lhe parecia inevitável, o massacre:

“Considerando-o penso que a nossa vitória, amanhã, não deve ter exclusivamente um caráter destruidor.

Depois da nossa vitória, inevitável e próxima, resta-nos o dever de incorporar à civilização estes rudes patrícios que - digamos com segurança - constituem o cerne da nossa nacionalidade.” (CUNHA, 2001, p.140)

Notemos que o correspondente coloca-se como co-responsável (a própria instituição do verbo na primeira pessoa do plural já é uma indicação desta sua participação republicana), mesmo que esta representasse algum tipo de massacre. Ao que indica, enquanto estava como correspondente em Canudos, sua própria situação de adido do estado-maior, bem como seus contatos com muitos oficiais de alta patente (vozes oficiais do conflito) foram contribuintes desta sua escrita que em diversos trechos ficou na voz republicana e militar (ponto de vista oficial) do conflito. Para aquele momento, uma escrita que fosse uma resposta sem meias palavras à voz oficial seria muito difícil para aqueles que cobriam a guerra. Veja o exemplo de Euclides, era homem de “linha reta”, como ele mesmo gostava de sublinhar, mas muito sutilmente tocou no assunto das degolas de prisioneiros. Soma-se ainda mais um dado: uma provável censura aos correspondentes.

A síntese do dilema republicano encontrava sua mais intensa formalização na medida que o correspondente começava a testemunhar os horrores da hecatombe daquela campanha. Vejamos a matéria de 1º de outubro, em Canudos:

“Felizes os que não presenciaram nunca um cenário igual...

Quando eu voltei, percorrendo, sob os ardores da canícula, o vale tortuoso e longo que leva ao acampamento, sentia um desapontamento doloroso e acreditei haver deixado muitos ideais, perdidos, naquela sanga maldita, compartilhando o mesmo destino dos que agonizavam manchados de poeira e sangue...” (CUNHA, 2001, p.218).

### **Visões do paraíso e inferno: em torno de uma tragédia**

Por fim, temos o mais complexo dos olhares, aquele que plasma os demais num impulso trágico. Pensar na visão trágica do correspondente é pensar o lugar da teatralidade no discurso euclidiano. O que nos leva a pensar em um discurso de uma representação de ações de personagens, ao pensar no trágico<sup>v</sup>, uma representação que nos leve ao despertar de emoções próprias do terror e da piedade. Pensar nesta visão é ainda remetermo-nos a todos os elementos que caracterizam este discurso, entre outros a platéia, o espetáculo, os atores, os papéis, os aplausos, a cena, o cenário, a contemplação, a tragédia.

Alguns críticos já apontaram o teor teatral trágico de Euclides, principalmente em *Os Sertões*. Roberto Ventura falou que “Euclides concebeu a história como drama trágico (...) Empregou imagens ligadas às artes plásticas e cênicas, para apresentar a história como se fosse uma peça de teatro ou os quadro de uma exposição” (VENTURA, 2002, p.24). Um outro crítico, Leopoldo Bernucci, disse sobre o discurso teatral em *Os Sertões*:

“Com a intensificação do drama e da tragédia narrados em crescendo em ‘A Luta’, o leitor se prende à leitura de um relato que parece aproximar-se do seu final, quando para se chegar nele, sabemos, faltam ainda algumas boas páginas (...) Aludimos ao drama e à linguagem teatral e esta é uma das que também ressaltam no livro, com uma mínima parte talvez cristalizada dentro de outro discurso, o militar, e que se revela como tal desde a primeira

leitura. Ali se fala em *teatro de operações* ou *teatro da luta*, evidentemente empregando termos correntes nos manuais de instrução militar da época.”(BERNUCCI, 2001, p.36).

É evidente, como já notamos por estes dois olhares críticos, que a visão trágica de Euclides tem seu auge e sua mais completa expressividade e em *Os Sertões*, principalmente nos episódios de luta. Mas ao acompanharmos as matérias do correspondente muito desta visão já se desponta, principalmente em suas últimas matérias quando parecia inevitável a hecatombe, o final apocalíptico. Vejamos a seguir como os elementos deste discurso teatral trágico configuram-se pelo correspondente.

Bernucci expõe-nos uma idéia que nos parece essencial para entendimento desta visão trágica de Euclides. Seria tentar compreender que a idéia central que Euclides trabalha, praticamente, em todos os seus textos é a conciliação das oposições (cf. BERNUCCI, 2001, p.36-7). Há um visão do paraíso em paralelo a do inferno. Ao lado do belo, fica o intratável, ao lado do horrendo o exuberante, o homem viveria num mundo rodeado de antinomias que a escrita euclidiana busca a conciliação, mesmo que pareçam, de algum modo, irreconciliáveis...

Antes mesmo da cobertura de Canudos esta idéia já está presente na escrita de Euclides. Como se pode notar nas duas visões do sertão propostas no artigo *A Nossa Vendéia* I, do dia 14 de março de 1897, publicado em *O Estado de S. Paulo*: ele narra transição da flora e da fauna sertaneja. A selva requeimada de cor parda, com seus cactos secos e reptantes, se transforma em paisagem exuberante, onde floresce o imbuzeiro de saborosos frutos, “ramos tostados e sem folhas desdobram-se como flâmulas festivas grandes flores de um escarlate vivíssimo e deslumbrante” (CUNHA, 2001, p.47).

Nesse horizonte, e pensando nos textos do correspondente, a paisagem geográfica vista por Euclides, dentro de uma caracterização do seu olhar trágico, ganha o estatuto de cenário que ambienta toda a ação daquela representação. É como se espaço geográfico fosse transformado em um palco para toda aquela tragédia. Dessa maneira, fará parte, tragicamente, dos eventos mais contundente e que mais emocionam o leitor. Uma questão acerca desse cenário formulado, que Ventura coloca para o caso de *Os Sertões*, mas que aqui para nós faz sentido quando se fala do correspondente, diz que “o sertão de Canudos surge como ‘monstruoso anfiteatro’, cujo isolamento se reforça pelo círculo de montanhas à volta, que evocaria os teatros ao ar livre da Antigüidade e traria



a certeza da impunidade para a ‘multidão criminosa e paga para matar’, formada pelas tropas republicanas.”(VENTURA, 2002, p.25).

Num outro plano de significação, a paisagem pode ganhar outros contornos, vejamos, por exemplo os aspectos do cabeça-de-frade descritos pelo correspondente. Tal como aparecem na matéria do dia 1º de setembro de Queimadas, tanto no *Diário* como em *Os Sertões*, estes vegetais ganham tensão nesta sua visada trágica, como se antecipassem as degolas de prisioneiros. Ou ainda a natureza ganhando contornos de personagem da luta; ela e o sertanejo andariam juntos nos combates. Fica evidente tal situação quando o correspondente, em matéria de 2 de setembro, de Queimadas, recorre à imagem do personagem mitológico grego de Anteu, filho de Terra. Anteu enfrentou Hércules que não conseguia derrotá-lo em luta franca, até que este último descobre que precisaria levá-lo e estrangulá-lo, pois a cada momento que Anteu colocava os pés no chão sua mãe renovava suas forças. Assim seria o sertanejo, filho da terra, feito Anteu.

A idéia de conciliação de oposições só ganhará maior peso na composição do seu olhar trágico na medida que o correspondente começa a tratar de questões referentes ao sertanejo. Para *Os Sertões* disse Ventura:

“Os heróis irrompem, na narrativa, para dar conta dos poucos momentos em que o conflito adquire ‘delineamentos épicos’, ou contornos grandiosos, pela troca de papéis entre os soldados, depreciados pelo narrador, e os sertanejos, que são valorizados (...) Berthold Zilly, tradutor alemão de *Os Sertões*, observou que o escritor recriou a guerra como tragédia, em que o não-herói, o sertanejo, revela-se como o único herói numa transfiguração quase milagrosa de apoteose (...)” (VENTURA, 2002, p.24-5).

Para o caso de o *Diário*, aqui analisado por nós, o correspondente já desponha esta primeira interpretação, há nas matérias o primeiro esboço do não-herói que se transformará no verdadeiro herói de toda aquela história rodeada de movimentos trágicos. Vejamos, por exemplo, na última matéria enviada de Canudos no dia 1º de outubro, nela o comentário que o correspondente traz à tona é baseado neste heroísmo, que de algum modo lhe impressiona:

“Sejamos justos - há alguma coisa de grande e solene nessa coragem estóica e incoercível, no heroísmo soberano e forte dos nossos rudes patrícios transviados e cada vez mais acredito que a mais bela vitória, a conquista real consistirá no incorporá-los, amanhã, em breve, definitivamente, à nossa existência política.” (CUNHA, 2001, p.208).

E adiante, nesta mesma matéria, um novo trecho que também aponta para uma resistência heróica dos sertanejos, quando em meio aos fortes bombardeios o jagunço continuava em linha reta ao combate:

“Às 10 horas e 52 minutos novos estampidos abalaram os ares e novamente estremeceu a terra em torno de um punhado de valentes transviados; novas bombas de dinamite derramaram a devastação e a morte na zona convulsionada em que lutavam os últimos jagunços. E despedaçados pelas explosões fortíssimas que dispartiam em todas as direções os restos das casas destruídas sob os escombros fumegantes, sob um chuveiro de balas, apertados num círculo de baionetas e de incêndios, aquela gente estranha não fraqueou sequer na resistência.” (CUNHA, 2001, p.215-6).

Quase ao final desta mesma matéria o correspondente diria: “A verdade é que ninguém poderia prever uma resistência de tal ordem.” (CUNHA, 2001, p.220). Mas se voltarmos às suas primeiras matérias, notamos que o correspondente já procurava delinear um perfil épico da resistência sertaneja. Vejamos, por exemplo, a matéria do dia 18 de agosto, escrita na Bahia, que conta o episódio da matadeira, na qual a coragem do jagunço em enfrentar o que parecia o maior de seus inimigos, o canhão no alto do monte, é sublinhada pela inversão de papéis. Não era o soldado, “deitados e esparsos, “dormitando”, o herói, mas o inimigo sertanejo. Este último em princípio é o não-herói da história, mas que com sua coragem, seus movimentos, “olhares rápidos perscrutando todos os pontos”, “ninguém os vê”, transforma-se no principal herói.

De fato, sua visão trágica fica mais evidenciada, ganhando maior tônus na escrita, na medida que o correspondente testemunha massacres, violências extremas e, então, precisa lançá-los ao leitor. cremos que a matéria que mais propriedades oferece para o comentário é do dia 1º de outubro, escrita em Canudos.

Euclides já abre esta matéria apresentando os contornos do cenário do dia deste confronto, como se pudesse abrir a cortina do palco que aconteceria a tragédia. Diferentemente de outros dias, o anúncio é mais lúgubre, Canudos amanhecia acizentada sem o sol irradiante. De cima dos morros, o correspondente, muitas vezes de binóculo, visualizava todo o conflito que embaixo se instaurava, comentando cada fato novo. O ponto de vista adotado será o mesmo anos depois na escrita de *Os Sertões*, cujo apontamento de Ventura foi certo:

“Euclides apresentou as batalhas, a que assistiu como repórter, como quadros e cenas vistos de tribunas elevadas ou de camarotes, representados pelos morros ao redor de Canudos. As metáforas teatrais enlaçadas com imagens pictóricas, convertem as batalhas em espetáculos, em que o narrador retoma o papel do coro da tragédia clássica, comentando os acontecimentos, lamentando as vítimas e acusando os vencedores.”(VENTURA, 2002, p.25).

Eis um trecho de Euclides desta matéria, onde a técnica se explicita, há um narrador com uma visão ampla da situação infernal que se iniciava:

“Este foi violento, desapiedado, formidável; assisti-o da sede da Comissão de Engenharia.

Uma a uma, com uma precisão matemática, as granadas estouravam dentro da área reduzida do inimigo, batendo-a em todos os pontos, casa por casa; ricochetando em certos lugares e abrindo um círculo amplíssimo de estragos, suspendendo além, bruscamente, numa explosão enorme, a poeira intensa dos escombros, alevantando mais longe a coma fulva e desgrehada dos incêndios. Durante quarenta e oito minutos os canhões da "Sete de Setembro", do centro e da direita da linha fulminaram, reviraram, revolveram um trecho do povoado onde repugnava à razão admitir a existência de homens, sôbre-humanamente bravos embora. E durante todo esse tempo sob uma avalanche pesadíssima de ferro, nem uma voz se alteou da zona fulminada, imersa toda numa quietude pasmosa, inconceptível quase; nem um vulto correndo estonteado pelas vielas estreitas e tortuosas,

nem a mais leve agitação patenteavam a existência de seres, ali dentro.”  
(CUNHA, 2001, p.207).

Nesta matéria, há um movimento narrativo no sentido de criar um tom trágico a partir de etapas (diríamos atos). Todas elas são seguidas de uma assalto violento e uma réplica fantástica, ampliando a cada novo assalto a violência da investida e o mesmo valendo para a réplica. Quando o leitor pensa que já está ao fim, novos lances de luta são expostos. Começou com o primeiro assalto, a partir do canhoneio e granadas, veio o silêncio, em seguida a primeira réplica dos sertanejos. Assalto número 2: foi feito pelo 5º da Bahia, vem um movimento de equilíbrio da luta, seguido de uma ilusão do fim da luta, mas nova réplica, ainda mais violenta, do sertanejo se instaura. O terceiro assalto, o mais violento de todos, procede uma réplica fantástica, inacreditável. Haveria ainda um ato final, onde o narrador (feito coro da tragédia clássica) entraria para comentar um último assalto e as suas vítimas, o quadro dantesco que se formava, segundo as palavras do próprio escritor. Tudo como se fossem quatro atos<sup>vi</sup>.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Olímpio de Souza. Comentários. In: CUNHA, Euclides. *Caderneta de campo* (org. Olímpio de Sousa Andrade). São Paulo: Cultrix, 1975.
- BERNUCCI, Leopoldo. Prefácio. In: CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*: campanha de Canudos. São Paulo: Atêlie, Imprensa Oficial, Arquivo do Estado, 2001.
- CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: In: NOVAES, Adauto. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. *Linguagem e comunicação social*: visões da lingüística moderna. São Paulo: Parábola, 2002.
- CUNHA, Euclides. *Caderneta de campo*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- CUNHA, Euclides. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1997.  
(Organização de Walnice Nogueira Galvão e Oswaldo Galotti)
- CUNHA, Euclides. *Diário de uma expedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.  
(Organização de Walnice Nogueira Galvão)
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora*: a guerra de Canudos nos jornais 4ª expedição. São Paulo: Ática, 1974.

- SANTANA, José Carlos de. *Ciência & Arte: Euclides da Cunha e as Ciências Naturais*. São Paulo: Hucitec – Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.
- SCHILLER, Friedrich. *Teoria da tragédia*. São Paulo: EPU, 1991.
- VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha no vale da morte. *Revista USP*, v.54, p.24. julho/agosto 2002.
- VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha: esboço biográfico*. (Org. Mário César Carvalho, José Carlos Barreto de Santana). São Paulo Companhia das Letras, 2003.
- VENTURA, Roberto. Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha. In: BRAIT, Beth (Org.). *O sertão e os sertões*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.
-